

**AS MULHERES**  
(um protesto)  
por  
**Uma mãe**





**Uma mãe**

**AS MULHERES**  
**(um protesto)**



---

Uma mãe, [18 – –].

As mulheres: um protesto / Uma mãe. –

1ª ed. – CDP, 2021.

52 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-28030-2

1. Literatura brasileira. I. Título. II. Coleção.

CDD-B869

---

## AS MULHERES

*Copyright* © 2021 OBRA EM DOMÍNIO PÚBLICO

CDP – Coleção Domínio Público

Projeto de capa: *Gabriel Lavarini*.

Edição e revisão: *Warley Matias de Souza*.

Logotipo: *Marcocuel*.

Imagem de capa: *Estudo de Lília*, de Carolus-Duran.

## COLEÇÃO DOMÍNIO PÚBLICO

Sem fins lucrativos, o projeto CDP (Coleção Domínio Público) tem o objetivo de resgatar escritores e escritoras do passado, esquecidos(as), pouco divulgados(as) ou atualmente não publicados(as).

Para a impressão e venda do livro físico, utilizamos uma plataforma de autopublicação. Não obtemos nenhum lucro relacionado à venda de livros lançados com o selo CDP. O valor pago pelo(a) leitor(a) que prefere ter o livro físico em vez do digital, está relacionado aos custos da plataforma.

Além da possibilidade de comprar o livro físico, o(a) leitor(a) tem a opção de baixar e ler o arquivo digital de forma gratuita. Assim, os *links* tanto para a compra quanto para o *download* dos livros estão disponíveis no *site* do projeto CDP (Coleção Domínio Público).

Em relação aos critérios de seleção das obras, para nós basta que as mesmas estejam em domínio público e que os(as) autores(as) sejam desconhecidos(as) ou pouco conhecidos(as) pelo grande público leitor.

Quanto à qualidade das obras, cabe ao(à) leitor(a) julgar. A nossa função é disponibilizá-las, com qualidade de diagramação e revisão, e não deixar que tais artistas sejam esquecidos(as) definitivamente.

## **A AUTORA**

A autora desta obra optou por manter-se incógnita.

Desconhecemos eventuais pesquisas que possam haver revelado sua identidade.

## A OBRA

Em edição desta obra, publicada em 1887, em sua folha de rosto, lê-se: “Vende-se a 1\$000 cada exemplar”. E, na mesma página, a seguinte informação: “O produto da vendagem destes artigos, a princípio escritos para um jornal, está destinado a uma mulher honesta e enferma, bastante necessitada de auxílio: o que a autora, *de sua parte*, lhe presta com a sua pena, infelizmente mal-aparada; restando ao respeitável público completar a obra de caridade...”<sup>1</sup>.

A obra em questão faz uma análise da posição da mulher brasileira na sociedade do século XIX. É importante por ser uma das poucas obras que trata do assunto a partir (supostamente) da perspectiva de uma mulher. No entanto, como em outros textos femininos da época, a valorização da mulher, em alguns momentos, mostra-se ainda vinculada à sua função de mãe e esposa, além de a mulher ser caracterizada pela emoção e não pela racionalidade. Não parece trazer, portanto, a defesa de uma igualdade de fato plena. Cito a seguir trechos da obra que ilustram essa visão.

“Então uma das filhas do poeta [Milton] tomou um Homero, e leu algumas dessas páginas imortais, onde se respira a antiguidade com seus costumes, seus usos, seus heróis e seus deuses. Enquanto a donzela prestava *o encanto da sua voz* a esses belos versos, cuja *compreensão lhe é inacessível*, [...]” (Grifos nossos.)

A autora escreve: “Oh, a mulher é a verdadeira soberana da humanidade, como muito atiladamente o pondera *Armand Barbès*”. Então cita o autor, a quem parece admirar e, portanto, com

ele concordar:

“O homem, que o orgulho ou o egoísmo não embrutece, respeita e venera a mulher *na pessoa de sua mãe, de sua irmã, de sua companheira, de sua filha.*

“Aquele que pisa com os pés esse respeito e essa veneração, é o mais desprezível dos homens.

“A sociedade deve respeitar-se na mulher como a fonte em que hauriu sua vida e todas as *suas nobres e santas paixões*; a sociedade que falta com o respeito à mulher, que tortura a menina com rudes e precoces trabalhos, *que ensina à donzela a impudícia e o deboche, que desencaminha a esposa de seus deveres, que envenena o feto nas entranhas da mãe, que condena à mendicidade precária os cabelos brancos da avó, — esta sociedade é infame*” (grifos nossos).

A autora ainda afirma: “A força muscular não é a única produtora; leve-se em conta também a força nervosa, a constância, a aplicação, *os milagres do amor — só a mulher sabe amar!* —, sem precisarmos falar *do amor maternal*, que por si só atinge ao divino” (grifos nossos).

Sobre a importância de mulheres professoras, cita Hippeau: “Não é somente pelas qualidades morais e pela influência salutar sobre o caráter das crianças, que as mulheres deveriam ser preferidas. Tem-se observado que elas cultivam e desenvolvem melhor a inteligência das crianças...”. E conclui, após a citação: “Logicamente devemos concluir daí, que a humanidade tem sofrido com a exclusão das mulheres do campo escolar”.

No mais, a presente edição é originária da publicação referenciada a seguir: UMA MÃE. *As mulheres*: um protesto. Bahia:



Tipografia do Bazar 65, 1887.

**Le comte**

*Sais-tu bien qui je suis?*

**Don Rodrigue**

*Oui; tout autre que moi*

*Au seul bruit de ton nom pourrait trembler d'effroi.*

*Les palmes dont je vois ta tête si couverte*

*Semblent porter écrit le destin de ma perte.*

*J'attaque en téméraire un bras toujours vainqueur,*

*Mais j'aurai trop de force, ayant assez de cœur.*

*À qui venge sa fille il n'est rien d'impossible.<sup>2</sup>*

*Ton bras est invaincu, mais non pas invincible.*

(CORNEILLE. *Le Cid*. Acte II, scène II.)

## A VELHICE DE MILTON

Depois de ter partilhado com ardor os desvarios dos republicanos, Milton, salvo das represálias do partido vencedor pelo reconhecimento de um homem a quem o poeta também tinha salvo nos dias do seu poder, vivia ignorado em um canto da Inglaterra.

Estranho a todos os negócios políticos, apenas sabia se estava sob o governo da república ou da monarquia, sob Cromwell ou sob Carlos II, e entregue sem reserva às inspirações do seu gênio, já não ouvia, no fundo do retiro onde se achava, o ruído das tempestades que tinham agitado a sua mocidade.

Um dia, assentado diante de sua casa e respirando deliciosamente o ar perfumado de uma linda manhã, parecia ainda contemplar as belezas dessa natureza que não via mais: de repente um homem apresentou-se e o ruído dos seus passos veio perturbar a distração do poeta.

— Sou eu — disse-lhe uma voz que Milton reconheceu. Era a de um amigo, que como ele, tinha tomado outrora uma parte bem ativa nas discórdias civis.

— Sede bem-vindo, responde-lhe Milton; passareis alguns dias conosco, vivereis em paz e escrevereis alguns dos meus versos que eu vos dítar.

— Não se trata de versos nem de paz, responde o recém-chegado, elevando a voz, mau grado seu. O reinado de Carlos II vacila; os *independentes* reviveram; a cinza que estava amortecida, vai converter-se em um ardente braseiro.

— Ah! o que pretendeis que faça um cego em uma conspiração?

— Não vos queremos para combater e sim para escrever. A mão que traçou a *Defesa do Povo Inglês* estará dessecada pela velhice? Não tendes mais no vosso espírito essas palavras de fogo que consomem os tronos?

— Ah! meu amigo, falais-me em uma linguagem que já não compreendo; recordais-me os erros dos quais minha mocidade tanto abusou; porém todas essas ilusões dissiparam-se. Não quero ver mais o que se passa no tremendo turbilhão em que vos debateis ainda. O que me importam os vossos *independentes*? Já não creio mais na liberdade: apenas acredito no repouso, na poesia e em Deus.

Era chegada a ocasião em que as filhas de Milton vinham acercar-se de seu pai e encantar-lhe a solidão, reanimando-lhe o gênio pelas suas leituras ou pelos seus cantos.

“Ei-las!”, exclama o poeta, estremecendo ao ruído dos seus passos, e logo ambas lançam-se aos seus braços. Ornadas de todos os tesouros da juventude, mais belas ainda se tornavam pelas ternas carícias que dispensavam ao seu pai.

— Queridas filhas, diz-lhes Milton, a presença de um dos meus velhos amigos não é um obstáculo às nossas ocupações ordinárias. Dignai-vos ouvir-nos, disse ao hóspede, e possa a pacífica harmonia da música e da poesia acalmar as tempestades que se levantam no âmago do vosso espírito!

Então uma das filhas do poeta tomou um Homero, e leu algumas dessas páginas imortais, onde se respira a antiguidade com

seus costumes, seus usos, seus heróis e seus deuses. Enquanto a donzela prestava o encanto da sua voz a esses belos versos, cuja compreensão lhe é inacessível, Milton gozava da harmonia do estilo e da grandeza das ficções. Quando a musa grega calou-se, a outra voz repetiu os cânticos dos profetas na língua dos Hebreus. Agora já não há uma doce melodia que acaricia o ouvido, já não são brilhantes contos que divertem a imaginação: é uma poesia mais santa, mais viva, é a manifestação de toda a majestade da razão:

“A terra se cala, exclama Milton; é o próprio Deus que eu ouço!”, e não admira mais, adora, possuído de inefáveis êxtases.

De repente as duas irmãs depõem seus livros. Uma toma sua harpa e a outra associa a sua doce voz aos harmoniosos acordes do instrumento, e juntas, acabam de despertar na alma do poeta o gênio da poesia.

“Eu o ouço, diz ele, esse espírito sagrado que inspira e dispõe os meus pensamentos: ele me fala, escrevei.” E logo compõe um quadro do Éden, espelho fiel e puro em que se reflete um outro universo, e que não é perturbado por nenhum sopro terrestre.

O que pintava Milton, nunca tinha visto; enquanto uma nuvem espessa cerrava seus olhos a essa luz grosseira, que apenas é uma sombra do sol eterno, seu gênio iluminado pela puríssima luz celestial, descortinava um mundo superior ao nosso e levantava-lhe uma ponta do véu que só a morte deve despedaçar totalmente.

Quando o poeta concluiu seu trabalho, as duas filhas guardaram silêncio, meditando sobre as últimas palavras de seu pai, e

possuídas de um santo respeito como em presença de um profeta inspirado.

“Eis, diz Milton, baixando à terra, e readquirindo um benévolo sorriso, um tom mais doce e mais tranquilo, quais são os meus prazeres e os meus trabalhos! Pacíficos trabalhos! volúpias puras! feliz calma, precursora da paz do túmulo!”

O semblante do hóspede estava imóvel durante toda essa cena, e tinha apenas exprimido uma estéril admiração.

— Sede feliz, diz finalmente ao poeta; enquanto a mim, conservo-me fiel à minha vida passada. Assim como vivi, morrirei. Não me contento com sons fugitivos que ferem o ar para desaparecerem logo: guardo sob os meus cabelos grisalhos a minha cólera, o meu rancor contra os nossos antigos adversários, e se conseguir lançar no abismo o trono onde vacila um simulacro de rei, rir-me-ei quando exalar o último suspiro. Adeus, eu vou congregiar os nossos *independentes*.

— E eu, diz Milton, vou cantar a alegria dos anjos, que nunca arrefeceu ou os remorsos da criatura decaída. O ferro vai brilhar, o sangue vai correr! Minhas filhas, tomai vossas harmoniosas harpas e reanimai vosso pai com os vossos divinos acordes.<sup>3</sup>

# AS MULHERES

## I

Basta advertir, primeiro que tudo, que a mulher não entende absolutamente nada de homens, como não entende tampouco de mulheres.

RAMALHO ORTIGÃO.

...Há quem possa, refletindo um pouco, aplaudir semelhante conceito de uma descortesia vexadora?

Na verdade, como dizia o padre Antônio Vieira, “não há coisa mais escrupulosa no mundo do que o papel e pena. Três dedos com uma pena na mão é o ofício mais arriscado que tem o gênero humano. Quantos delitos se enfeitam com uma penada! Quantos merecimentos se apagam com uma risca! Quantas famas se escurecem com um borrão! Vejam os que escrevem de quantos danos podem ser causa se a mão não for muito certa; se a pena não for muito aparada; se a tinta não for muito fina; se a regra não for muito direita...”.

Parece que tão sublimes verdades, proferidas pelo humilde pregador *brasileiro*<sup>4</sup> há tantos anos — quando os sábios podiam ser contados por quem pouco de aritmética soubesse —, projetam ainda luz brilhante sobre as obras de vários escritores orgulhosos de sua fama, advertindo a desgraçada *arraia miúda* dos perigos que certamente há de correr aventurando-se a seguir a esteira

de certos homens, verdadeiras *naus almirantas* em que vão repimpados chefes de esquadra de grande nomeada, porém, de ainda maior temeridade.

Se existe um traço do espírito moderno que caracteriza de um modo particular o progresso do gênero humano, esse traço é o desejo sincero de aplicar a lei da justiça, e conseqüentemente de melhorar *para todos* as condições de existência.

A humanidade foi sempre de certa maneira arrastada pelo ideal; mas a humanidade nunca sentiu tanto o poder do ideal quanto em nossos dias.

Em relação à força do ideal parece que sucede o que se observa em relação à celeridade adquirida: que acresce por progressão geométrica, a ponto de derribar todas as resistências e ultrapassar todos os cálculos.

Em uma sociedade assim disposta, os erros de princípios levemente lançados aos quatro ventos da publicidade, produzem com facilidade conseqüências graves.

Todo desvio da linha direita, desde o ponto de partida até o da chegada, desde a premissa até a conclusão, traz em resultado grandes divergências, e as questões em todo e qualquer terreno devem ser, antes de tudo, perfeitamente colocadas.

Recordo-me sempre com reconhecimento de um conselho que deu-me o Dr. Pedro Brandão, um dos maiores talentos que a Bahia já tem gerado e asfixiado, ao encetar eu uma discussão: “Liga sempre a maior importância ao modo pelo qual colocas, desde a primeira frase, a questão que fores ventilar; tudo daí depende”.

A extrema boa vontade que facilita a tradução da ideia pelo



fato, a prontidão de submeter-se em tudo à lei da razão, ou por outras, o ardor com o qual a sociedade contemporânea apaixonou-se pela justiça sob suas diversas formas, impõem em todas as coisas a necessidade de discussões rigorosíssimas.

Certamente, o desejo, o dever, a necessidade se assim quiserem, de melhorar a condição das mulheres, inscreve no programa do progresso uma das maiores questões que o futuro esteja chamado a resolver.

Esta é uma das mais sedutoras para o coração generoso do homem; esta é uma das mais decisivas para os destinos da sociedade; mas, por isso mesmo esta é uma das questões mais delicadas, mais complexas e mais perigosas que possamos abordar.

Há realmente uma *causa das mulheres*, a “*woman question*”<sup>5</sup> no mundo?

Duvidamos com razão que essa causa seja distinta da de toda a humanidade em geral; não devemos descobrir antagonismo entre os interesses dos dois sexos; consola-nos a crença que eles progridem juntos e que têm um interesse igual em progredir.

É exato que a sociedade saiu recentemente do regime da força, de forma que restam ainda vestígios desse regime em suas instituições e em suas leis.

A legislação de diversos países começa porém a apagar tais vestígios, sem violentar a natureza.

Era uma consequência natural da antiga organização social, o restringimento dos direitos da mulher: concedamo-lo.

Operando-se porém a evolução, atrever-se-á ainda alguém a reviver questões vencidas?

É lícito contestar em nossos dias que a *Déclaration des droits de l'homme* tem como corolário a *Vindication of the rights of woman*?

É possível admitir com entusiasmo delirante a primeira e repelir com desprezo revoltante a segunda?

São os homens, os únicos responsáveis pelos defeitos das mulheres, os quais exageram, vilipendiam e castigam.

“...Vós outros homens, diz Goethe, no seu *Wilhelm Meister*, estais acostumados a ver-nos lançarmo-nos em vossos braços; não sois capazes de compreender o que vale uma mulher.

“Eu vo-lo digo, em nome dos anjos, em nome de todos os pressentimentos das bem-aventuranças celestes que dormem no fundo dos corações nobres e puros, nada há de mais nobre, mais puro, mais sublime do que a mulher que se entrega toda inteira ao homem que ela ama.

“Quando merecemos em toda a acepção da palavra o glorioso título de mulher virtuosa, nós somos frias, altivas e desprezadoras; mas desde que amamos, depositamos todas as nossas virtudes a vossos pés.

“Não sois capazes de compreender o que vale uma mulher...”

Somente concluindo com tão soberbas palavras de um gigante da ordem de Goethe, poderemos abafar a indignação que apoderou-se de nós...

São *farças* ou *felpas* o que descubro sobre minhas filhas?

## II

O pomo do amor não é verdadeiramente a astúcia deste ou daquele indivíduo que o colhe... O pomo caiu porque tinha de cair... Pussem-lhe na rua, em vez dos lindos olhos do cavalheiro, os olhos do goraz cozido que ela comeu ao jantar e o pomo cairia da mesmíssima maneira.

RAMALHO ORTIGÃO.

...Um dos capítulos mais comoventes das *choses vues*, é aquele que marca as fases sucessivas do processo *Teste*: durante duas sessões da câmara dos pares, o visconde Victor Hugo, par de França, que tinha de pronunciar-se sobre a sorte dos acusados, notava suas impressões de audiência.

A princípio, crê que *Teste* é inocente; ouve em sua eloquência vibrar a voz do homem que sofre e fala a verdade.

Depois, quando os documentos esmagadores vão sendo produzidos, assiste-se ao terrível espetáculo de um esquarteramento moral...

Ouçamo-lo:

“O que nossos pais viram há oitenta anos, na praça de Grève, no dia da execução de Damiens, vimos-lo hoje, dia da execução do presidente *Teste* no palácio dos pares.

“Vimos trabalhar a tenaz na carne; vimos esquarterar uma pessoa.

“De hora em hora, de instante a instante, arrancavam-lhe

alguma coisa: ao meio-dia, sua consideração de magistrado; à uma hora, sua reputação de ministro íntegro; uma meia hora mais tarde, o respeito dos outros; um quarto de hora depois, o respeito de si próprio.

“Afinal, aquilo nada mais era do que um cadáver.

“A execução durou seis horas...”

É o caráter do talento, circunscrito sempre em estreitos limites, de desprender sem cessar o mesmo som como a corda de um piano: o gênio assemelha-se às cordas da harpa eólica; varia seus acentos a cada brisa nova.

No homem de gênio todas as faculdades desabrocham ao mesmo tempo; sua imaginação não é uma flor, mas a deusa das flores que lhes dá a graça e a vida.

Há alguma coisa de tão elevado nos sentimentos manifestados por Victor Hugo em relação àquele horripilante acontecimento, registrado na história da França com letras de fogo, que, qualquer que seja a opinião dos indivíduos acerca da criminalidade do infeliz funcionário público, poucas serão as pessoas que não sintam profunda compaixão diante do espetáculo daquela tétrica execução!

Se sucede isto quando trata-se do suplício infligido a um ser humano, de que palavras servir-nos-emos com bastante energia para deplorarmos o martírio que façam sofrer à totalidade dos representantes de uma classe, de uma nação, de um sexo, sem uma só exceção por menor que seja?

Quereis definir o amor fisiologicamente?

Quereis encará-lo como o conjunto dos fenômenos cere-

brais que constituem o instinto sexual, são o ponto de partida de atos intelectuais e de ações numerosas, variando conforme os indivíduos e as condições sociais, e tornam muito complexo esse conjunto de fenômenos, fonte muitas vezes de aberrações que o higienista, o médico legista e o legislador são chamados para prevenir ou para interpretar, a fim de saber se foram realizadas em condições normais ou de alienação mental?

Neste caso, com que fundamento fazeis uma distinção odiosa entre homens e mulheres?

Julgais porventura a mulher um ente inferior ao homem; preconceito que a Antiguidade oriental, grega e romana, transmitiu à Idade Média e a Idade Média transmitiu, com tantas outras injustiças, à Idade Moderna?

Oh, a mulher é a verdadeira soberana da humanidade, como muito atiladamente o pondera Armand Barbès.

“O homem, que o orgulho ou o egoísmo não embrutece, respeita e venera a mulher na pessoa de sua mãe, de sua irmã, de sua companheira, de sua filha.

“Aquele que pisa com os pés esse respeito e essa veneração, é o mais desprezível dos homens.

“A sociedade deve respeitar-se na mulher como a fonte em que hauriu sua vida e todas as suas nobres e santas paixões; a sociedade que falta com o respeito à mulher, que tortura a menina com rudes e precoces trabalhos, que ensina à donzela a impudícia e o deboche, que desencaminha a esposa de seus deveres, que envenena o feto nas entranhas da mãe, que condena à mendicidade precária os cabelos brancos da avó, — esta sociedade é infa-

me.”

Sim, é necessário termos todos a coragem de descobrir as chagas sociais; mas sempre e unicamente no intuito de curá-las.

Sabeis que Parent-Duchatelet atesta que sobre três mil criaturas perdidas, trinta e cinco *somente* tinham uma profissão capaz de nutri-las e que mil quatrocentas e cinquenta e oito haviam sido precipitadas no vício pela miséria?

Relata ele que uma dessas raparigas resvalou, depois de oito dias de falta completa de alimentação!<sup>6</sup>

De quem é a culpa da péssima cultura moral das mulheres, diante da qual vós tendes ataques de nervos?

Dos homens, que tudo são na sociedade.

Lançar a culpa de tais condições, em que vergonhosamente as mulheres estão ainda colocadas, sobre elas, é o requinte da crueldade: é a esbofeteação de um doente por seu médico.

“*Du côté de la barbe est la toute-puissance.*”

Lede e gravai em vossa memória — vós moços que ainda não estais estragados — as palavras<sup>7</sup> que o poeta alemão Frederico von Schiller põe na boca da princesa de Eboli:

“O amor é a única coisa sobre todo este globo terrestre que não admite outro comprador senão a si próprio.

“O amor é o preço do amor.

“É o diamante inestimável que é preciso dar, ou senão enterrar sem que alguém dele goze: tal qual procedeu aquele grande mercador, que insensível ao ouro do *Rialto* e para fazer enrubescer os reis, lançou ao mar opulento a sua pérola, orgulhoso por demais para adjudicá-la abaixo de seu valor”.

### III

Num grupo de jovens senhoras, folheando um álbum de retratos, sempre que um acordo unânime se manifeste sobre a superioridade de uma figura, quando todas as vozes exclamam compactamente e convictamente *lindo! lindo!* deitem os olhos à página: têm a certeza de ver um imbecil.

RAMALHO ORTIGÃO.

*...Domine, ne intres in judicium cum servo tuo.*

O cérebro humano pode conter o infinito; e no entanto, muitas vezes está cheio, cheio a transbordar, com uma miséria.

Hoje pela manhã, quando o astro rei, depois de tantos dias sombrios e prejudiciais à desgraçada lavoura, ia surgindo na orla do horizonte e derramando seus áureos raios de luz vivificante sobre este vale de lágrimas e

“Sobre minha cabeça não mais aquecida  
Da mocidade ao sol,”

eu, ao mesmo tempo que seguia com a vista um enorme abutre que de asas pandas descrescia majestoso círculo nos páramos celestiais, folheava distraidamente um livro do escritor alemão J. P. Richter, *O Titã*, e então deparou-se-me o seguinte diálogo, que chamou minha particular atenção, e julgo dever despertar em to-

dos que o lerem um mundo de ideias:

— Sei antecipadamente que nós nos entenderemos e não obstante disputamos. Eis porque os homens nos tacham de fracas: eles preparam-se para a sua futura carreira na sociedade à força de endurecerem-se, e nós nos desmanchamos à força de amolecermo-nos!...

— Que fazer então? exclamou Juliana, atravessar rios caudalosos a nado, subir de corrida escarpadas montanhas, galopar sobre um cavalo espumante de fogo?

— Não, disse a princesa, porque observo minhas camponesas: por mais que elas se entreguem a trabalhos penosos, sofrem como nós outras. Não é nosso corpo e sim nosso espírito que deveríamos exercitar: em vez disto, deixamos obrar apenas nossas mãos e nossos olhos; o coração de nada sabe, e, no meio de tais ocupações triviais, ele, mísero ignorante, sonha, confrange-se, chora, sangra e morre... Um pouco de filosofia ser-nos-ia de imenso auxílio, mas nós nos abandonamos de pés e mãos atadas a nossos sentimentos, e, quando somos forçadas pelas críticas circunstâncias da vida a refletir, sucede que ou aumentamos nossa sensibilidade, ou sucumbimos de modo deplorável em luta desigual por estarmos sem as armas imprescindíveis.

Não é indiferente à prosperidade das nações que as mulheres sintam-se felizes ou infelizes; sejam respeitadas ou desprezadas, conservem-se independentes ou escravizadas; estejam colocadas em condições de poderem desenvolver suas faculdades e exercer sua legítima parte de influência ou condenadas a uma ignorância, a uma mediocridade, a uma impotência irremediáveis,



sendo ridicularizadas pelos escritores públicos.

A condição da mulher em nossas sociedades modernas é um dos problemas mais delicados e, ao mesmo tempo, um daqueles que, em nossos dias, impõem-se imperiosamente à atenção do moralista e do legislador.

Tem-se dito com razão, que o grau de civilização de um povo mede-se com bastante exatidão segundo a situação ocupada pela mulher.

Em presença das acusações cada vez mais frequentes e apaixonadas, seria útil que os pretensos democratas indagassem seriamente a respeito de que soma ridícula de direitos e de liberdades goza a parte feminina da sociedade; se por outro motivo não fosse, pelo menos para não lançarem sobre todo o sexo denominado *fraco* o ridículo ou o odioso.<sup>8</sup>

Seria bom que os homens, que são aqueles que fazem as leis, não abusassem de semelhante vantagem para roubarem à mulher o *cantoçinbo* que ocupa neste paraíso ou inferno, como queiram classificar o globo terrestre.

O estudo de poucas questões deixa-nos mais surpreendidos e indignados do que o da questão das mulheres!

A Alemanha, por exemplo, é um dos países em que a educação das mulheres está mais adiantada; em que exista o número maior de sociedades (quase todas sob a proteção de rainhas, princesas e senhoras da alta aristocracia) destinadas a prepararem as mulheres, diretamente, para a vida civil e indiretamente, para a vida pública.

Pois bem, não há talvez país em que a lei lhes seja mais

hostil!

Neste sentido, há uma contradição flagrante entre as leis e os costumes: a legislação está três séculos em atraso em relação à civilização hodierna!

Em virtude da lei prussiana, os filhos não podem casar-se sem o consentimento do pai; mas o da mãe não é considerado necessário: erro grave em que não cai a lei francesa que exige o consentimento de um e de outro, evitando assim também uma injúria inqualificável em referência a uma mãe carinhosa que zela o futuro de sua filha querida.

Em matéria de divórcio, as sevícias não podem ser invocadas pela mulher como causa de dissolução do casamento senão quando o marido chegou ao ponto de pôr a sua vida em perigo: se as pancadas não foram tantas que pudessem causar a morte, estas são consideradas como não dadas.

Na Baviera, a lei permite ao marido expressamente o castigar sua mulher de uma maneira moderada.

Nesse mesmo país, as mães e avós não podem ser tutoras de seus filhos e netos.

Quanto aos ganhos feitos pela mulher durante o casamento, não fazem parte das aquisições, como sucede em França sob o regime da comunhão matrimonial, mas pertencem inteiramente ao marido, o que apenas sucede em França quando o casamento é regido pelo antigo regime denominado *dotal*.

A associação nacional das mulheres alemãs apresentou em 1887, ao *Reichstag*, uma petição coberta de inúmeras assinaturas, para implorar o gozo dos direitos *civis*, como mães e como espo-

sas, e a revogação das disposições legais que as colocam nas condições de menores.

Até hoje o parlamento nada fez.

Eu quisera referir-me a outros países, porém, falta-me o espaço.

Na Rússia, espantai-vos, as mulheres gozam de vantagens legais muito grandes: são senhoras de sua própria fortuna, eleitoras dos conselhos municipais e das assembleias provinciais, e podem seguir livremente os cursos de ensino superior.

A primeira doutora em medicina que houve no universo, foi uma americana, miss Elizabeth Blackwell, e a segunda imediatamente uma russa, a menina Nadejda Souslova.

Ser-me-á permitido ainda citar as opiniões de Jules Simon e Leroy-Beaulieu?

“Há alguma coisa de mais horroroso ainda do que o trabalho sem pão — diz J. Simon, — é a necessidade, a capacidade, a vontade de trabalhar, sem trabalho!”

“Há ainda alguma coisa de mais horroroso do que querer e saber trabalhar sem o poder, é quando a falta de trabalho tem como causa, não a natureza das coisas e a inexorável fatalidade, e sim o arbítrio cruel dos homens e a imposição afrontosa da lei!”

Relativamente às mulheres, em todos os países, os três casos podem ser observados: a necessidade, a capacidade e a vontade de trabalhar.

Quase sempre, porém, elas não acham trabalho; e não é tanto à natureza das coisas, quanto ao arbítrio dos homens que devemos atribuir essa falta de trabalho.

E é possível que suceda o contrário, quando sabe-se que em França, por exemplo, o número dos nascimentos dos dois sexos é quase igual; que em outros países da Europa em que é desigual, são os nascimentos do sexo feminino que dominam; e que as profissões acessíveis às mulheres são quatro vezes menos numerosas do que as profissões acessíveis aos homens?

Nas *Lettres à une honnête femme* de A. Quatrelles,<sup>9</sup> cujo quadro sombrio nada tem de exagerado, estão traçadas as dificuldades com que luta uma menina para empregar-se: daí tirem ilações!

Há operárias em Paris que ganham 3 francos por dia, e até mesmo 4 francos; mas estas são em número limitadíssimo, a maioria ganha 1 franco 50 e 1 franco.

A média do salário das mulheres em Paris é a de 2 francos por dia. Em Lyon, a média é muito menor.

O Sr. Jules Simon fixou da seguinte maneira os salários das operárias em seda: para as torcedoras de seda, um *maximum* de 8 francos por semana, descendo este às vezes abaixo de 5 francos; para as dobadoras<sup>10</sup>, 1 franco 25 por dia; o mesmo salário para as urdideiras; 2 francos por dia para as *metteuses en main*; 3 francos para as boas torcedoras; 4 francos para as mais hábeis *remetteuses*; 1 franco 75 para as alisadoras e para as tecedoras 1 franco 50.

As tecedoras que querem ganhar 2 francos por dia prolongam seu trabalho até as 2 horas da madrugada!

O Sr. Leroy-Beaulieu que possui as estatísticas de Paris e as conhece a fundo, calcula o número de dias produtivos em 270 por ano, o que dá para uma mulher que não interrompe seu trabalho, nem mesmo em virtude de moléstia, uma remuneração

anual de 540 francos; em moeda nossa cerca de 270\$000.

“Quando com tão magros recursos — diz ele indignado, — uma mulher deve satisfazer todas as necessidades, quantas privações um orçamento tão reduzido não impõe? Tenha ela filhos! É a indigência, a mendicidade, ou o vício, ou horríveis sofrimentos!...”

A média do salário do operário em Paris é a de 4 francos por dia; e, reduzindo-se para ele como para a operária o número de dias produtivos a 270, são 1.040 francos o que ganha anualmente; quer dizer: duas vezes *mais*.

Ora, a diferença das necessidades entre os dois sexos só existe quanto à nutrição, porque o homem devora na verdade mais 1/3; roupa, morada, e tudo mais custa tanto a uma criatura como a outra; de sorte que a mulher gastará apenas 1/6 menos do que o homem, visto como debica apenas; come para viver e não vive para comer, graças a Deus.

A diferença dos salários, por conseguinte, não provém da desigualdade dos gastos precisos ao homem comparativamente aos precisos às mulheres.

Qual é a causa então?

Leroy-Beaulieu a vai indicar.

“O trabalho humano — diz Leroy-Beaulieu, — é uma mercadoria que é paga tanto mais vantajosamente quanto maior for a procura e menor a oferta.

“Não é preciso ser-se um economista eminente para saber que os preços de um gênero são tanto mais elevados quanto numerosos e importantes forem os mercados que os aceitem.

“O mesmo sucede quanto à mão d’obra: quanto mais vasto for o campo de emprego que lhe esteja franqueado, tanto maiores serão as probabilidades de que a remuneração do trabalho se eleve.

“Ora, o que resulta daí?

“Os braços do homem têm um campo de emprego quase ilimitado; todas as obras que exigem força lhes são acessíveis; os trabalhos que exigem destreza não lhes estão tolhidos, porque vemos-se na Bélgica moços fazendo rendas, encontram-se na Suíça pastores fazendo bordados, e no sul da França o trabalho de seda ocupa quase o mesmo número de operários como de operárias.

“As mulheres, pelo contrário, estão presas em um círculo de ferro; não lhes resta senão os trabalhos de destreza: ora, até os últimos tempos, nossa civilização, ainda grosseira e pouco auxiliada pela ciência, reclamava muito mais trabalhos de força do que trabalhos de destreza, quer dizer que o campo de emprego dos homens tem sido sempre muito mais vasto do que o campo de trabalho das mulheres.

“A essa causa natural de inferioridade unem-se outras que provêm de nosso estado social e de nossos costumes.

“Não somente os mercados da mão de obra feminina foram sempre até agora mais restritos e menos variados do que os da mão de obra masculina, pela natureza mesma das coisas e a constituição física dos dois sexos; mas também a educação das mulheres tem sido menos desenvolvida do que a dos homens: suas faculdades foram menos cultivadas.

“Assim o campo de emprego do trabalho feminino, já restrito pela natureza, achou-se ainda mais limitado pela falta de instrução das mulheres.

“Não só as operárias têm sido excluídas, por uma incapacidade constitutiva, da maior parte dos trabalhos que reclamam força, como ainda dos trabalhos que só reclamam destreza e inteligência; sua falta de educação as tornou quase sempre inferiores aos homens.

“As únicas causas verdadeiras do aviltamento do salário das operárias, são, portanto, que as carreiras franqueadas à atividade das mulheres são pouco numerosas; que elas precipitam-se sobre estas carreiras em massa; que além disto, em muitas das indústrias em que se empregam, a falta de desenvolvimento intelectual e a ignorância profissional não lhes permitem ocupar senão os últimos degraus da escada.”

Estas linhas tão simples encerram tudo: a prova do estado de dependência e de inferioridade em que se acham as mulheres, que não podem subsistir senão com o trabalho do homem; e ao mesmo tempo as causas mais diretas desse estado de dependência e de inferioridade.

Citarei ainda uma página de Leroy-Beaulieu, e as conclusões desenrolam-se em seguida por si mesmas.

“A inferioridade dos salários das mulheres, relativamente aos salários dos homens — diz ele, — tem como causa as diferenças de educação e de instrução.

“Efetivamente, mesmo nas indústrias divididas e progressivas em que as mulheres têm acesso, elas estão acorrentadas aos

últimos degraus do trabalho, não podem entregar-se senão às operações mais elementares, às que exigem menos cultura e aprendizado.

“Tomemos alguns exemplos: eis a ourivesaria e a joalheria, que, na indústria de Paris, empregam igualmente homens e mulheres.

“Qual é o papel de uns e outras?

“As mulheres são *refuradoras, polidoras, brunidoras*; são ainda *ornadoras*: ofícios simples e fáceis, que não exigem nem muita arte, nem muito estudo; e nestas mesmas operações simples e fáceis, os homens, primeiro que tudo, fazem concorrência às mulheres, depois são, além disto, modeladores, desenhistas, cinzeladores, decoradores, ajustadores.

“A herboristaria, a drogaria são franqueadas também a homens e mulheres; porém, ao passo que os homens são operários manipuladores e ajudantes de laboratório, as mulheres são escolhedoras, embrulhadoras e coladoras de dísticos.

“Nas fábricas de porcelana, as mulheres são muito mais vezes esmaltadoras e tiradoras de contraprova do que pintoras; os homens são muito mais vezes pintores, floristas, figuristas, armoristas, do que esmaltadores e tiradores de contraprova.

“Na imprensa, as mulheres são sobretudo marginadoras, regradoras, dobradoras e encadernadoras; os homens são sobretudo protos, revisores, paginadores, compositores.

“Na fotografia, as mulheres são principalmente retocadoras e coladoras; os homens são operadores e pintores.

“Percorra-se o inquérito da câmara do comércio de Paris, e



ver-se-á que em todas essas indústrias as mulheres não exercem senão as funções mais rudimentares, por conseguinte as menos retribuídas, e que são quase excluídas, em benefício dos homens, de todas as profissões que, sem reclamar mais força, reclamam mais estudo e aprendizado...

“O estado de nossos costumes tornou até agora a educação das moças muito mais limitada do que a dos moços, seu aprendizado mais curto, sua instrução profissional mais restrita”...

Na Prússia o Dr. Lette, o maior benfeitor das mulheres alemãs, referiu também, em um relatório apresentado à *Sociedade central para a proteção das classes operárias da Prússia*, quais são as condições precárias em que se acham as mulheres do povo não só, como principalmente as da *pequena burguesia*<sup>11</sup>, no dito país.

Depois do falecimento do Dr. Lette, essa sociedade, que fora durante alguns anos presidida pelo célebre professor Holtzendorf e hoje é presidida pelo Dr. Schepeler-Lette, continua a chamar a atenção pública para a triste situação das mulheres e de modo tão verdadeiro que em quase todas as cidades importantes da Alemanha fundaram, por sua iniciativa, sociedades análogas, sobressaindo entre elas o *Aliceverein*, colocado sob a proteção da finada princesa Alice da Inglaterra, grã-duquesa de Hessen.

As senhoras Schepeler-Lette, filha do Dr. Lette, Jenny Hirsch, diretora do *Deutscher Frauenanwalt* e Maria Calm, filha do burgo mestre de Arolsen, têm escrito muito a respeito da necessidade de melhorarem-se as condições em que estão as mulheres na Alemanha.

Não estudam as questões e vêm aborrecer-nos.

Imaginaí que, segundo a estatística oficial da Áustria, na Boêmia, por exemplo, o número de mulheres é superior ao de homens em mais de 200.000!

Aí estão, portanto, 200.000 mulheres que, em primeiro lugar, não encontrarão maridos — uma felicidade talvez, em minha opinião, que é aliás a de uma mulher bem-casada — e, em segundo, são repelidas até das mais humildes profissões pelos homens cheios de grande insolência.

Notai que a legislação da Áustria-Hungria é a mais liberal de toda a Europa, porque elas possuem ali muitos direitos, até políticos, que em outros Estados não lhes são concedidos: têm o direito de votar nas eleições municipais, provinciais e nacionais. Recentemente uma mulher foi eleita para o conselho municipal de Agram, e outra para o conselho provincial da Boêmia.

De uma estatística de 1881, citada pela Sra. Johanna Leitenberger, depreende-se que das 373.000 mulheres que vivem em Viena, 187.000 vivem a suas custas, do trabalho honesto de suas mãos, apesar da crua guerra movida pelos homens e principalmente pelos pretensos democratas<sup>12</sup>. Eis a prova de sua capacidade!

É um erro ou uma falsidade dizerem, como dizem, que o homem trabalha mais do que a mulher. Só um ignorante ou malicioso o poderá afirmar, aludindo a sua fraqueza muscular.

*Risum teneatis.*

Basta refletir na soma de labor frutuoso que representa um só dia de trabalho de um dos menores insetos: *a formiga*; descrita por Sir John Lubbock de maneira tão admirável e instrutiva.

A força muscular não é a única produtora; leve-se em conta também a força nervosa, a constância, a aplicação, os milagres do amor — só a mulher sabe amar! —, sem precisarmos falar nos do amor maternal, que por si só atinge ao divino.

Um jornal alemão — *Neue Bahnen*, citado por L. Quesnel — provou-o em vários artigos de modo irrefutável: a mulher trabalha mais do que o homem; sim, mais, senhores críticos!

Quereis ficar surpreendidos, vós que pretendeis nulificá-la diante da mulher no exercício de uma profissão? Vede-a na profissão comercial; são incomparáveis!

“Os novos bilhetes de 100 francos do Banco de França — diz Quesnel, — representam uma Minerva que prega no solo uma figura desgrenhada, com este exergo: ‘*La sagesse fixe la fortune*’. A legenda pode-se aplicar às mulheres negociantes. Quase sempre quando uma mulher abre falência, é arrastada por outras casas geridas por homens”...

Quanto à proibidade... é melhor pararmos aqui.

Para que retaliar? As noções relativas ao *meu* e *teu* andam por tal forma embaralhadas!...

Será possível que alguém, em um momento de delírio de ingratidão, julgue necessário lembrarmos o papel que a mulher representa como enfermeira?

Como mestras? que deplorável ilusão!

A tal respeito escreveu o Sr. Rice, *superintendente* de dicções paralelas: de uma parte, os tribunais de direito escolas em Nova York, o seguinte:

“A elevação de suas tendências comunica-se naturalmente

aos discípulos.

“Graciosas, mansas e puras, as mulheres os tornam, como elas o são, puros, mansos e graciosos. A mulher, muito mais perspicaz do que o homem, conhece melhor do que ele o coração humano e particularmente o das crianças. Elas as mantêm no dever pela afeição, melhor do que os professores com seus regulamentos e sistemas de repressão. Não há dúvida que no futuro reconheceremos agradecidos os imensos serviços que as mulheres já têm prestado a nossas escolas...”

Lestes o que escreveu Hippeau?

“Não é somente pelas qualidades morais e pela influência salutar sobre o caráter das crianças, que as mulheres deveriam ser preferidas. Tem-se observado que elas cultivam e desenvolvem melhor a inteligência das crianças...”

Logicamente devemos concluir daí, que a humanidade tem sofrido com a exclusão das mulheres do campo escolar.

A posição em que colocaram cruelmente a mulher, vai sendo felizmente discutida e, a principiar pelos próprios jurisperitos, grande número de homens, dotados de certa dose de critério, desiste da sustentação de princípios inconcebíveis, que foram durante tão longo espaço de tempo arvorados à categoria de verdadeiros dogmas de jurisprudência.

Na Inglaterra, nesse país da tradição por excelência, já podemos estudar os efeitos de uma revolução — sim, foi uma revolução e não uma reforma — operada pela nova legislação de 1882 em favor da mulher casada.

Aqueles que conhecem as leis inglesas devem saber que até

1873 houve na Inglaterra duas ordens de *juris* comum, que apegaram-se ao direito estrito e aplicavam judaicamente o texto da lei; de outra, o tribunal de chancelaria, que, tomando a situação ocupada em Roma pelo pretor, esforçava-se para temperar, por meio de considerações de equidade, o que o direito tinha muitas vezes de draconiano ou de absurdo.

Entre essas duas jurisdições rivais tudo era inteiramente diferente, porque obedeciam a tendências opostas: o chanceler, homem do clero e órgão do rei, era, por esse duplo título, zeloso sectário do direito romano e das regras canônicas; os antigos tribunais, nos quais assentava-se uma nobreza independente e altiva, defendiam seu antigo direito feudal contra os assaltos do poder real.

Com a legislação de 1882, as mulheres inglesas entraram enfim no gozo de direitos que até então não podiam alcançar.

A personalidade da mulher estava por tal forma absorvida pela do marido, que chegava-se ao seguinte absurdo: o *common law* proibia a alienação dos bens da mulher ainda mesmo quando ela consentia, de sorte que, para torná-la possível, socorria-se a uma ficção: o comprador demandava, sustentando que os bens lhe pertenciam; os cônjuges defendiam-se pessimamente e eram condenados, e como a sentença tinha a autoridade de coisa julgada, o direito do comprador achava-se destarte garantido!

Os juízes eram não as vítimas e sim os cúmplices de semelhante ficção.

Hoje, a mulher inglesa casada pode adquirir e possuir todas as espécies de bens como se não estivesse no cativeiro do marido,

e sem precisar da intervenção de um *trustee*; e deles pode dispor como quiser, entre vivos e por testamento; o marido tem apenas o direito de herdar *ab intestato* os móveis.

Bem feito!

A lei a considerava como destituída de toda vontade própria e incapaz de todo e qualquer ato jurídico; se cometia um delito em presença do marido, o delito era considerado como perpetrado pelo marido e não pela mulher; a mulher não era responsável, não a punia a lei; só o marido era legalmente o culpado.

Se o próprio marido era vítima — por exceção — de um crime da mulher, se por exemplo a esposa o abandonava para seguir outro marmanjo, tinha uma ação civil contra o velhaco, como sucederia se um ladrão qualquer houvesse surripiado uma coisa de sua propriedade.

Se matavam-lhe a esposa, tinha uma ação idêntica contra a pessoa que a ferira — *action of trespass*.

Raptavam-lhe a esposa, arrancavam-lhe *à força* a companheira? Seguia ela o sedutor de sua livre vontade? A lei não queria saber disto. A mulher, sendo incapaz de querer alguma coisa, era em ambos os casos reputada como tendo sido arrastada involuntariamente.

Um pai, se queria fazer uma doação à filha casada, só a podia beneficiar exclusivamente, confiando a dádiva a um terceiro, que servia de *trustee*.

Na verdade todos eram uns *trastes*...

É uma vergonha tudo isto.

Lendo *Os Princípios de Sociologia* de Herbert Spencer (tomo I,

p. 384), deparou-se-me uma citação que faz o ilustre filósofo de um trecho de uma obra recentemente publicada por M. Williams — *Through Norway with Ladies* (p. 162); citação que ele qualifica de “*striking*”, e que causou-me também espanto, de sorte que para ela chamo a particular atenção do leitor.

“Não há povo no qual as mulheres ocupem, relativamente aos homens, uma posição mais favorável do que entre os Lapônios.”

Depois de provar essa asserção com fatos tirados de suas observações pessoais, indica a razão disto, acrescentando:

“Apesar de suas miseráveis choupanas, seus corpos imundos, suas vestimentas primitivas, sua ignorância das letras e das ciências, eles são superiores a nós no elemento mais nobre da civilização, o elemento moral, e todas as nações do mundo podem tirar o chapéu diante deles!”...

Que vergonha! Estamos abaixo dos Lapônios! E os ingleses, depois das revelações horripilantes da *Pall Mall Gazette*, bem o podem avaliar!

Não nos ocupemos tanto com as classes superiores da sociedade.

Sim; sempre que tratarmos de questões sociais, não devemos estudar as classes superiores, que formam uma pequena minoria, e sim as classes inferiores, que compõem a quase totalidade das criaturas humanas.

“Quando consultamos os processos de infanticídio — diz Legouvé, p. 49-50 — encontramos o seguinte fato verdadeiramente terrível: sobre oito acusações provadas de infanticídio, há

quatro absolvições. Quatro homicídios absolvidos sobre oito! Quatro homicídios provados, confessados!...<sup>13</sup>

Que provam tais absolvições, proferidas em oposição à lei que iludem?

Devemos concluir que os jurados não têm o devido respeito à vida humana?

Que aprovam o crime e querem acoroçá-lo?

Evidentemente não.

Mas demonstram que uma ação má, ligada a certas causas que a produziram, torna-se perdoável; que a justiça consiste muitas vezes na clemência; que podemos em uma palavra condenar o procedimento e anistiar a pessoa.

Basta! Chamo a atenção do ilustrado comendador Sant'Anna, escritor cachoeirano cuja pena admiravelmente aparada, inúmeras vezes tem com brilhantismo escudado as mulheres contra as invectivas de moços enfatuados e de velhos rabugentos.

Não acudirá S. S. ao brado de alarme?

É impossível! S. S. não pertence de certo ao número daqueles que, adiantando-se em idade, longe de tornarem-se amáveis e tolerantes, fazem lembrar as espirituosas frases que encontramos na obra-prima de Moreto — *El desdén con el desdén*:

*“Atento, señor, he estado,  
y el suceso no me admira;  
porque eso, señor, es cosa  
que sucede cada día.  
Mira, siendo yo muchacho*



*había en mi casa vendimia,  
y por el suelo las uvas  
nunca me daban codicia.  
Pasó este tiempo, y después  
colgaron en la cocina  
las uvas para el invierno:  
y yo viéndolas arriba,  
rabiaba por comer de ellas  
tanto, que trepando un día  
por alcanzarlas, caí,  
y me quebré las costillas:  
este es el caso, él por él.”*

Fiquemos aqui.

*...Domine, ne intres in iudicium cum servo tuo.*

#### IV

*Zu was Besser'm sind wir geboren;  
Und was die innere Stimme spricht,  
Das täuscht die hoffende Seele nicht.*

F. VON SCHILLER.

(Para alguma coisa melhor nascemos;/ e  
o que a voz íntima fala,/ não ilude ao  
esperançado.)

A sociedade é como a natureza: nada faz de balde.

O que parece ser uma evolução puramente ideal, acaba

sempre por uma evolução material.

A sociedade nova, que cresce de modo extraordinário, ignora ainda a si própria.

Todos os pensamentos, todos os sentimentos das duas ou três últimas gerações — as mais agitadas que o mundo tem conhecido —, acharam intérpretes eloquentíssimos.

Nenhum gênio resumiu até agora as aspirações da sociedade nova: na Inglaterra como em França, em França como na Alemanha, as vozes retumbantes dos mais poderosos corifeus calaram-se; e entre os vivos, os mais potentes — reconheçamo-lo — já são antigualhas.

A lira humana vibrou em nossa época mais harmoniosa e mais dolorosamente do que jamais em tempos idos desprendera sons.

Que esperanças este século não chegou a nutrir, e que tristes desilusões não foi obrigado a tragar?

Paixões vagas, dúvidas amargas, esperanças em melhores destinos, sonhos panteístas e humanitários, e para coroar a obra, essas tétricas ideias da meia-noite, nas quais domina um pessimismo alternativamente resignado e furibundo; tudo, tudo a humanidade cantou em modulações assombrosas.

Que linguagem maravilhosa, enriquecida de um tesouro de palavras e de ritmos inteiramente novos, foi aquela com que revestiu suas engenhosas hipérboles!

Sem dúvida, a impressão é confusa e contristadora em relação ao pessimismo aludido.

O século XIX, que produziu tantos prodígios, causou tam-

bém ruínas incalculáveis.

Deixará ele, como as décadas deixam de ordinário os homens, a humanidade mais pobre de esperanças?

Pode ser.

Todavia, não é possível que neguemos aplausos a seus esforços titânicos.

Assim como Faetonte, o pensamento humano abandonou a estrada acostumada; rolou, fora da órbita, pelos céus, em procura de melhor caminho...

Pode cair, ferido de morte, impotente e nulificado...

Sim, pode cair; porém *magnis tamen excidit ausis...*

Um dos heróis do poema inglês *Aurora Leigh* — Romney —, diz à sua prima Aurora, que ambiciona ser poetisa;... ô, que palavras injustas, porém cheias de eloquência:

“Vós mulheres, vós não sabeis generalizar... Mostrai-me, em vossos olhos brilhantes, uma lágrima, uma só, como a de Cordélia, sobre as misérias deste mundo. Vós chorais tão somente sobre o que vedes. Uma criança enferma que tocais com vosso dedo, far-vos-á chorar; um milhão de enfermos jamais... Eis porque este mesmo mundo, que não compreendeis, deve escapar à vossa influência. Como vós sois, simples mulheres, apaixonadas e pessoais, vós nos dais mães carinhosas, esposas perfeitas, *madonnas* sublimes, santas pacientes; mas vós não nos dareis um Cristo, e penso, verdadeiramente, nunca dareis até uma poetisa”.

De modo menos rude, menos cruel, eis a condenação: aí temos a mulher atada ao poste da calúnia, tal qual já vimo-la algures.

Mas, Senhor Deus! Se não há poeta senão quando alguém cria obras impessoais; se o drama e a epopeia são as formas superiores da arte, a história, com efeito, não nos mostra uma mulher capaz de entrar em liça com os grandes poetas.

Sim, é verdade que a maior parte daquelas que receberam o dom da poesia, cantaram apenas seus prazeres e suas dores: viram o mundo no círculo de um horizonte um pouco limitado.

Respondei-nos, porém, quantos homens são efeminados? — Nenhum? Deveras?

Reconheçamos que houve mulheres que fizeram da poesia um verdadeiro sacerdócio; que escutaram a grande queixa da humanidade; que ousaram encarar seus vícios e misérias; que defenderam os fracos e atacaram os fortes e nunca negaram justiça aos perseguidos. Muitas delas não só, como a Maria do Evangelho, escutaram com enlevo a palavra do Cristo, como empunharam o bastão do apóstolo e foram pregar a *boa nova* em regiões inacessíveis até então.

Quereis um exemplo?

Elizabeth Barrett Browning; uma inglesa.

Em um corpo débil, a alma mais ardente que pode ser imaginada!

Não soube o que foi fadiga, desânimo, medo; combateu até que a Divina Providência prostrou-a de um só golpe.

Qual foi o homem que não sentiu cansaço?

*“À force de marcher l’homme erre, l’esprit doute.  
Tous laissent quelque chose aux buissons de la route,*

*Les troupesaux leur toison, et l'homme sa vertu!?*

Mas, a mulher dotada de um coração nobre tem este privilégio: o de poder olhar sempre para o alto, ainda quando arrisca-se a atravessar o lamaçal da via pública.

Sua poesia tem uma pureza de acento extraordinária: ela canta o amor com doçura inimitável, o progresso humano, a liberdade e a justiça com uma energia que não enfraquece jamais; suas dores mesmo — e elas as têm grandes — nunca se misturam com o ódio implacável de outros, e sim sobressaem apenas no meio de brados sublimes de esperança inabalável.

Na verdade, a mulher pode ser tachada de personificação da Esperança; e “para compreendê-la” — dizia-me uma senhora, de uma inteligência sublime e cultivada com um esmero acima de todo o louvor: minha idolatrada mãe;... consinta-me ela que respeitosa e eu a mencione — “para compreendê-la, é preciso ser também mulher”.

Elizabeth, a mulher que indiquei acima, não contentou-se em elevar as almas até aos pensamentos mais puros e belos; encarregou-se também de todas as causas justas, combatendo o mal.

Para avaliar a sua filantropia, basta dizer-se que esqueceu-se muitas vezes de que era filha do país essencialmente mercantil: da Inglaterra!

Todos os ingleses conhecem, ou devem conhecer, o *Grito das crianças*: protesto veemente contra o trabalho das crianças nas fábricas e minas.

Que estigma! Ouvi!

*“Do ye hear the children weeping, o my brothers!  
Ere the sorrow comes with years?  
They are leaning their young heads against their mothers,  
And that cannot stop their tears.  
The young lambs are bleating in the meadows,  
The young birds are chirping in the nest,  
The young fawns are playing with the shadows,  
The young flowers are blowing toward the west;  
  
But the young, young children, o my brothers!  
They are weeping bitterly!  
They are weeping in the playtime of the others,  
In the country of the free.”*

Não. Deixemos o inglês. Traduzamos.

— “Ouvís chorar as crianças, ó meus irmãos, antes que com os anos chegue a tristeza?

“Apoiam a cabeça contra o seio materno, sem que possam destarte as lágrimas conter.

“Os tenros cordeiros balem nos prados, os tenros passarinhos chilram nos ninhos, as tenras corças brincam com as sombras, as tenras flores desabrocham risonhas para o oeste.

“Mas as tenras, tenras crianças, ó meus irmãos, choram amargamente, em tempos para outros festivos, no país de liberdade.

“A essas tenras crianças, cujo grito vos oprime, perguntai de que provém a sua mágoa.

“O ancião prantear pode os dias de sua juventude, perdidos em longínquo passado.

“A velha árvore despida está de verdura, o velho ano frio ao expirar, a velha ferida mais cruciante, a velha esperança menos resistente.

“Mas, as tenras, tenras crianças, ó meus irmãos, de que provém seu dorido pranto?

“Por que motivo soluçam no colo de suas mães, em uma terra que proclamam feliz?

“Elas nos miram com o semblante pelo cansaço abatido. Como é triste ver seus olhos embaciados! Como desapareceram suas cores, apagadas pelos cruéis cuidados, só próprios da velhice!

“A terra é bem cruel — dizem elas; — nossos pezinhos são débeis, ai! Apenas pusemo-nos em caminho, já a lassidão apode-ra-se de nós, quando nosso túmulo está ainda lá tão longe.

“Perguntai aos anciãos a causa de suas lágrimas. Eles pelo menos em breve acharão a sepultura.

“É verdade que às vezes a graça nos é concedida, de morrermos antes de tempo.

“Quando faleceu a pequenina Alice, nós a seguimos a passos lentos, vimos cavarem a funda cova para agasalharem seu magro corpozinho. Nenhum trabalho irá torturá-la ali embaixo! Seu sono é profundo, ninguém a chamará, vociferando com brutalidade: ‘É dia! Levanta-te!’... Ela sorri, porque o som piedoso do sino da ermida a embala no alvo lençol que a envolve. Ó! — dizem as crianças, — ó que felicidade morrermos antes de tempo!

“Ouvimos as rodas girar e zunir, açoitando nosso rosto

com o gélido ar, que tangem seus longos, tremendos braços.

“Nossos corações revolvem-se também, impelindo com força o sangue que nos queima as faces, e tudo dá voltas em nosso inferno. Volteia o céu enfumaçado por cima de nossas cabeças, as compridas paredes onde bruxuleia luz embaciada e assim os negros enxames de feras bestas prostradas de gatinhas. Céu, paredes, tudo volteia e nós em vertigem volteamos com eles.

“A roda, zunindo, gira, gira sem trégua; e com voz suplicante quiséramos bradar-lhe: ‘Ó roda, ó roda, para, para! Dá-nos descanso por uma vez!’”

.....

“Elas nos miram com o semblante contraído pelo sofrimento.

“Podeis, ó meus irmãos, encará-los sem pavor, sem pensar-des na cólera tremenda que contra vós desencadearão aqueles anjos juntos a Vosso Senhor?”

“Até quando — dizem elas, — ó pátria cruel, pisarás com os pés o coração de teus filhos, esmagando com teu pesado calcanhar o fraco peito de míseras crianças, no intuito de assegurares teus triunfos nos mercados do universo?”

“Ó ricaços, o sangue de crianças espadana e vos salpica; vede como corre debaixo de vossos pés!

“Ó ricaços, o choro de débil criança vos maldiz mais alto do que o grito rancoroso do homem forte!”

.....

Contam que alguém, tendo escutado um discurso de Mirabeau, exclamara: “Se isto não é eloquência, então esta palavra na-



da exprime!”.

Pois bem, fazendo minha esta apóstrofe, dir-vos-ei: “Se isto não é poesia, então esta palavra nada exprime igualmente!”.

Mais alto não há quem suba.

“*En estilo poético y dulzura.*

*Sube del monte a la suprema altura.*”

Um filósofo que passou em vida por perigoso e perverso, mas que era apenas um poeta insensato, na frase dos mais severos críticos da atualidade, Pierre Proudhon, que chegara a declarar “que a mulher era apenas um ente passivo, que tudo recebe do homem, mesmo sua virtude e seu pudor”, escreveu, todavia, como que cheio de remorsos, sobre ela as mais deliciosas páginas.

Inspirando-se na simbólica cristã — *aquilo que conheço, de melhor*, diz ele, *sobre tão delicada questão* —, traçou estas linhas de um ditirambo filosófico que não posso deixar de transcrever:

“De qualquer lado que o homem a encare, a mulher é a fortaleza de sua consciência, o esplendor de sua alma, o princípio de sua felicidade, a estrela de sua vida, a flor de seu ser: *turris eburnea, domus aurea, janua coeli, stella matutina, rosa mystica.*

“Que poder em seus olhares! *Virgo polens.*

“Como é deliciosa, apoiada sobre o braço de seu noivo! *Quae est ista quae ascendit de deserto, deliciis affluens, innixa super dilectum suum?*

“Como é imponente em seu andar e radiosa! e como ele está comovido junto a ela! *Quasi aurora consurgens, pulchra est<sup>14</sup> luna,*

*electa ut sol, terribilis ut castrorum acies ordinata!*

“Que lhe importam os elogios de seus iguais? Só a mulher pode honrá-lo e regozijá-lo: *vas honorabile, causa nostrae laetitiae!*

“Somente ela pode dizer-lhe: Eu te recompensarei além de teus limites, *ego eres*<sup>15</sup> *merces tua magna nimis.*

“Vencido, culpado, é ainda no seio da mulher que ele encontra consolo e perdão; somente ela pode levar-lhe em conta a intenção e a boa vontade, descobrir em suas paixões motivos de desculpa, coisa que negligencia a justiça dos homens: *refugium peccatorum, consolatrix afflictorum.*

“Somente ela, enfim, na perseguição, na vingança e no ódio, solicitará por ele, fará valer seu arrependimento, e suas dores, e sua constância: *regina martyrum, regina confessorum...*

“Nunca pude ouvir cantar essas ladainhas sem um tremor de felicidade! *O pia! O benigna! O regina!...*”

Retratação tardia, ímpia talvez, porém, brilhante!

Que não venham agora apoiar-nos contra os assaltantes enfurecidos, os Castro Rebello, Constâncio Alves, Villa-Viçosa, João de Britto, Cyridião Durval, Xavier Marques, e meu particular amigo o distintíssimo literato Franco Meirelles — essa plêiade de bardos da Atenas brasileira —, que todos indiferentes e até risinhos alguns, assistiram ao diabólico farpeamento de criaturas oprimidas e inofensivas, de cuja extrema bondade apenas nasce a feia audácia de seus detratores desapiedados e irrefletidos...

Triste sorte a nossa.

“Para alguma coisa melhor nascemos!”

## Notas

<sup>1</sup> Fizemos a correção necessária de acordo com as regras de português atuais, e mantivemos o grifo da autora. (N. E.)

<sup>2</sup> Na obra de Corneille, o verso é: “*À qui venge son père il n’est rien d’impossible*”. A autora trocou “*son père*” (seu pai) por “*sa fille*” (sua filha). Ao que tudo indica, foi intencional, já que na edição consultada, a expressão “*sa fille*” está destacada. (N. E.)

<sup>3</sup> Na edição de 1887, esta era a estrutura:

— E eu, diz Milton, vou cantar a alegria dos anjos, que nunca arrefeceu ou os remorsos da criatura decaída. — O ferro vai brilhar, o sangue vai correr!

— Minhas filhas, tomai vossas harmoniosas harpas e reanimai vosso pai com os vossos divinos acordes”.

Por entender que os três travessões indicavam a fala de uma mesma pessoa, optamos por retirar os dois últimos. Mantivemos assim a fala de Milton em sua totalidade. (N. E.)

<sup>4</sup> Nasceu em Portugal. Eu o sei... (N. A.)

<sup>5</sup> *The woman question in Europe*, by T. Stanton, 1884. (N. A.)

<sup>6</sup> Legouvé. *Histoire morale des femmes*. p. 322. (N. A.)

<sup>7</sup> Cito-as de memória; porém, estou *certo* de que não alterei o sentido. (N. A., grifo nosso.)

<sup>8</sup> Consultai: *La femme en France au XIX siècle*, par Legouvé. *The woman question in Europe*, by Th. Stanton, 1884. *Lettres à une bonnête femme*, par A. Quatrelles. *Histoire du droit et des institutions de l’Angleterre*, par E. Glasson. *Émancipation contractuelle de la femme en Angleterre*, par Th. Barclay, 1883. *Condition privée de la femme*, par Paul Gide. Dois artigos de A. Ribof no *Bulletin de la Société de législation comparée*, 1871, p. 6, e de Westlake na *Revue de droit international et de législation comparée*, 1884, p. 195. *De la condition de la femme mariée en Angleterre d’après la nouvelle législation de 1882*, par E. Lehr, 1884. *L’amélioration de la condition des femmes*, par Léo Quesnel, 1885. E finalmente o livro incomparável de Jules Simon, *L’ouvrière*, que nenhum homem de bem deveria deixar de possuir e ler. (N. A.)

<sup>9</sup> Pseudônimo de um estadista distinto. (N. A.)

<sup>10</sup> Na edição consultada, está escrito “dobadoras”. Imaginamos que seja um erro, que a grafia correta é “dobradoras”. (N. E.)

<sup>11</sup> As palavras *grande e pequena aristocracia*, *grande e pequena burguesia* e outras apropriadas ao estado social europeu, não têm significação entre nós — e também em Portugal, desde que, socialmente falando, a única distinção observada é entre o bípede bem-sucedido e o malsucedido em empresas lícitas e ilícitas, que

se confundem de modo maravilhoso. Para compreenderem-se tais termos, lede Balzac, que, na opinião de G. Sand, melhor descreveu a sociedade europeia deste século. Os publicistas poderão consultar com proveito as obras de Bluntschli, *Allgemeines Staatsrecht I*, 149, 156-164, e de Richl, *Die bürgerliche Gesellschaft*, principalmente na parte em que refere-se ao proletariado de modo brilhante e elevado. (N. A.)

<sup>12</sup> A democracia é a maior inimiga dos indigentes. Só no seio do socialismo acrisolado encontrarão os indigentes um salvo-conduto para atravessarem este vale de lágrimas, infestado por vis pechelingues. (N. A.)

<sup>13</sup> Na edição de 1887, foram abertas aspas no início desse parágrafo. No entanto, as aspas não foram fechadas. Tudo indica que isso deveria ocorrer no final do mesmo parágrafo.

<sup>14</sup> Está escrito dessa forma na edição de 1887. No entanto, a citação bíblica correta seria “*pulchra ut luna*”.

<sup>15</sup> Está escrito dessa forma na edição de 1887. No entanto, a citação bíblica correta seria “*ego ero merces tua magna nimis*”.